

EDUCAÇÃO PRÉ AVATAR: AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E OS PROCESSOS FORMATIVOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DO TRABALHO

Rogério Rodrigues
Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)
Brasil

RESUMO

Partimos do pressuposto de que em grande parte a civilização se diferencia e se caracteriza pelo modo como se acumula e transmite a informação. Nessa condição, a tecnologia da informação passa a ser elemento chave para se compreender a concepção de mundo que se encontra presente no armazenamento, na transmissão, no acesso e isso inclui também as condições necessárias para a segurança e o uso da mesma. Assim, o nosso objetivo é analisar como, na interface das tecnologias de informação com o campo dos processos formativos dos sujeitos, produz-se outras representações de mundo e sociedade. A partir dessa perspectiva, o objetivo desse artigo é compreender a interface entre as tecnologias de informação e o processo formativo, numa perspectiva crítica para além do uso instrumental dos diversos tipos de mídia. A metodologia utilizada se refere a Teoria Crítica, no sentido de apropriação do conceito de tecnologias de informação como a expressão política do sujeito na representação do real. Os resultados indicam que em nossa modernidade ocorre uma banalização no uso das tecnologias de informação numa concepção reducionista em compreendê-la primordialmente como instrumento de máquina e não como elemento da cultura. Concluímos que as transformações no campo das tecnologias de informação deveriam passar pela crítica no sentido de reconhecer que temos toda uma semiótica que nos conduz no pensamento e, principalmente, na apropriação de determinada representação de mundo.

Palavras-Chave: Educação; Tecnologias de Informação; Processos Formativos; Ensino de Ciências.

PRE AVATAR-EDUCATION: THE INFORMATION TECHNOLOGIES AND THE FORMATIVE PROCESSES AT THE WORK AND EDUCATION FIELD

ABSTRACT

We are assumption that the major part of the civilization differentiates and characterizes itself by the way how the information is passed and accumulated. In this condition, the information technology is the key element to understand the world conception that is present at the storage, transmission and access and this also includes the necessary conditions to the security and use of this. Thus, our objective is analyze how, at the interface of the information technologies with the subject formative processes, produces other representations of world and society. From this perspective, the objective of this article is understand the interface between information technologies and formative processes at a critical perspective yonder the instrumental use of the many types of media. The used methodology is found at critical theory, to the appropriation of the information technologies' concept as the political expression of the subject at the real representation. The results show that in our modernity occurs a banalization in the information technologies' use at a reductionist conception to understand majorly as machine instrument and not as cultural element. We concluded that the transformations at the information technologies field should pass to the critic to recognize that we have all a semiotic that conducts us at the thinking and, mainly, at the appropriation of particular representation of world.

Keywords: Education; Information Technologies; Formative Processes; Science Education.

1 AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO EM INTERFACE COM O PROCESSO FORMATIVO

Para iniciarmos esse tema em questão sobre as tecnologias de informação em interface com o processo formativo, partimos da compreensão de que as ‘tecnologias de informação’ seriam todo estado de aplicação da ciência no sentido de se buscar trabalhar a informação em todo o processo para o armazenamento, a transmissão, o acesso e isso inclui também as condições necessárias para a segurança e o uso da mesma.

Diria que em grande parte a civilização se diferencia e se caracteriza pelo modo como se acumula e transmite a informação. Essa condição da tecnologia no campo da informação deveria transcorrer-se para além da concepção de mundo instrumental e, portanto, aqueles que trabalham nesse campo deveriam também incluir todos os processos de produção humana no campo da cultura, que vão desde um traço nas paredes da caverna até a invenção da imprensa, em que o livro pode ser interpretado como elemento que materializa uma determinada tecnologia na ampliação e o acúmulo da informação. Entretanto, na modernidade, o senso comum incorporou em seu cotidiano a noção de que tecnologia da informação seria primordialmente os elementos instrumentais que envolvem somente máquinas complexas para além dos traços nas paredes da caverna ou simples livro, pois vivemos a era da informática. Essa nova concepção instrumental de máquinas estaria relacionada diretamente à noção comum sobre o uso de computadores em redes que interligam em tempo real os sujeitos na transmissão de som e imagem e em acúmulo na ordem de grandeza imensamente ampliada de informação.

A partir dessa perspectiva comum da comunicação em rede para a transmissão

e armazenamento da informação, o espaço do planeta Terra assume outra configuração, pois em tempo real torna-se o impossível em eliminar as distâncias entre dois pontos distantes pelo intermédio das máquinas conectadas em rede e isso se apresenta no possível das interfaces virtuais entre os sujeitos “presentes” à distância.

Sobre a noção, essa condição de comunicar-se à distância no paradoxo de estar perto das inovações no campo das tecnologias de informação constitui um novo paradigma, pois não podemos esquecer que num passado recente a notícia do acontecimento levava dias para transcorrer dois pontos de distância, como, por exemplo, “A notícia da queda da Bastilha chegou a Madri em 13 dias; mas em Péronne, distante apenas 133 quilômetros da capital francesa, ‘as novas de Paris’ só chegaram no final do mês” (HOBBSAWM, 1977, p.26).

As tecnologias de informação diminuíram o espaço do planeta Terra e isso se trata de assunto complexo numa sociedade que se organiza tendo como base a velocidade nestes processos de comunicação entre os sujeitos. No caso desse estudo, não faremos uma discussão sobre as alterações dos instrumentos no campo das tecnologias de informação e sim como as inovações desses instrumentos alteram os processos formativos dos sujeitos no campo da educação e trabalho. Assim, o nosso foco de análise é como a interface das tecnologias de informação com o campo dos processos formativos dos sujeitos produzem outras representações de mundo e sociedade, mais propriamente, alteram a compreensão referente aos processos formativos para além dos condicionantes do estar presente face a face.

A partir dessas considerações, o título desse ensaio ‘Educação pré Avatar e a análise sobre a interface entre as tecnologias de informação e os processos formativos no campo da educação e do trabalho’ trata-se de algo a promover uma discussão que se inspira diretamente no texto de Adorno (1995), intitulado

‘Educação após Auschwitz’, em que fica estabelecido como tese principal que depois da barbárie ocorrida na Alemanha nazista todos os intelectuais envolvidos direta ou indiretamente com os processos formativos deveriam ficar atentos à condição que pressupõe a formação do sujeito autoritário, que se representa como aquele que possui o saber na completude e intolerante perante a diferença.

O grande problema filosófico estabelecido é como e por que a Alemanha, no final do Século XIX e início do Século XX, apresenta-se como lugar de grande destaque na arte, filosofia e música e, portanto, como lugar de refinamento e sofisticação na expressão da cultura. Paradoxalmente, nesse mesmo lugar, surge o que tem de pior como manifestação do estado de completa regressão do processo civilizatório, que culmina no extermínio massivo de minorias étnicas?

Diria que parte dessa resposta é que a condição do surgimento do sujeito que é autoritário e exterminador poderia estar relacionada a diversos fatores circunstanciais não compreendidos pela razão e que podem resultar nesse tipo de atuação em discordância com o processo civilizatório pautado em princípios não democráticos em que o saber se apresenta no campo do dogmatismo.

Partimos da hipótese de que no interior do processo civilizatório pode encontrar-se presente a ambivalência entre o amor e o ódio. A prevalência de um ou outro é o ponto central para todos aqueles que trabalham no campo dos processos formativos, pois como intelectual deveriam ocupar-se em termos de direcionamento desses afetos, uma vez que

A psicanálise nos mostrou que as atitudes emocionais dos indivíduos para com outras pessoas que são de tão extrema importância para seu comportamento posterior já estão estabelecidas numa idade surpreendentemente precoce. A natureza e a qualidade das relações da criança com as pessoas do seu próprio sexo e do

sexo oposto já foi firmada nos primeiros seis anos de sua vida. Ela pode posteriormente desenvolvê-las e transformá-las em certas direções, mas não pode mais livrar-se delas (FREUD, 1990, p.286-287).

Desse modo, propomos neste estudo colocar em análise a ocorrência de alterações nessas ‘atitudes emocionais’ no uso dos instrumentos no campo das tecnologias de informação. Portanto, a nossa pergunta seria compreender como as tecnologias de informação alteram os processos formativos e as dinâmicas da educação e trabalho?

Compreendemos que a permanência das tecnologias de informação produz algo de diferente e que se encontra em percurso na alteração, ampliação da velocidade e acúmulo de informação disponível e que dispõe os sujeitos numa representação diferenciada em relação ao acesso de informação como sinônimo de constituição de saber já sabido.

Em termos de senso comum, prevalece a concepção de que a velocidade do acesso ao saber já sabido apresenta-se como qualidade no campo do conhecimento. Isso pode se verificar num site de busca para qualquer tipo de informação que na rede de computadores se inova na facilidade, uma vez que podemos lançar um termo qualquer, como, por exemplo, “marxismo” e temos aproximadamente 5.550.000 resultados em apenas 0,50 segundos. Esse tipo de velocidade altera por completo o modo como o sujeito lida com a informação e, principalmente, o modo como representa as interações com o outro no sentido de trocar palavras para a constituição de novos significados perante o mundo que o cerca. Aqui, temos dois pontos de vista sobre essa ampliação na velocidade da busca da informação. De um lado, a ampliação ao acesso à informação, uma demanda de interação com textos que em outras circunstâncias não teria acesso tão imediato. Por outro lado, a quantidade de acesso da informação sem a medição da crítica constitui-se numa armadilha no processo reflexivo do sujeito. Por qual motivo deveria confrontar-me com a

palavra do outro se tenho disponível em milésimo de segundo um amplo conjunto de respostas sobre o assunto em questão? Atualmente, torna-se cada vez mais comum a entrada desses aparatos tecnológicos em sala de aula na presença de *smartphone* e *notebooks* em que os alunos ficam ora confrontando palavras em busca de significados ou ora se distraíndo nas redes sociais.

Partimos da hipótese de que essa acessibilidade imediata à informação restringe os elementos das mediações em que ocorre o trabalho do pensamento para a constituição da atitude em que a informação se torna verdade absoluta quando se representa plenamente acessível pelas mídias das tecnologias de informação.

Isso nos leva a refletir que em parte as condições objetivas das tecnologias de informação podem favorecer o acesso ao conhecimento, mas está também aqui presente a gestação de elementos da discordância de governo de todos no espaço público de troca de palavra para o deslocamento político em emergir a forma de governo de um só, que prevalece como centro da palavra dogmática e alienação do outro perante a verdade posicionada como convicção da verdade absoluta das redes de comunicação.

Nestes termos, partimos de outra hipótese em se pensar as tecnologias de informação como algo em que a adesão ao grupo, disciplina e autodeterminação do sujeito pode ser facilmente deslocada para outros pressupostos de intolerância em querer anular o outro que não compartilha dos mesmos sentimentos e atitudes no campo do saber já sabido.

Tal ocorrência de anulação do outro no uso da palavra absoluta pode ser compreendida como opção política que se apresenta em momentos de dificuldades do sujeito em ter que lidar com a angústia de não saber e, portanto, elege o líder carismático como aquele que possa responder perante a falta com a completude que, no caso das tecnologias de informação, representa-se na disponibilidade de acesso aos diversos resultados. Portanto, em termos

metodológicos este trabalho possui, de um lado, o atributo de ensaio ao retratar o olhar do autor perante a problemática do uso das tecnologias de informação e sua difusão sem um caráter crítico dos seus efeitos. O método utilizado tem como proposição investigativa a Teoria Crítica para analisar e interpretar a área temática da educação no campo dos processos formativos. Por outro lado, trata-se de uma reflexão de cunho filosófico que se encontra em discussão com alguns pontos presentes nessa interface entre os processos formativos e o uso das tecnologias de informação na tentativa que ao problematizar a questão da interface entre os sujeitos e as tecnologias de informação se torne possível encaminhar o pensamento reflexivo para um possível indicativo de caminho de respostas sobre o tema em questão.

2 AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NO TRABALHO E A REDUÇÃO DO CORPO COMO INSTRUMENTO DA ALMA

Partimos do pressuposto de que no campo dos processos formativos as tecnologias de informação alteram a representação do sujeito perante o saber que se pauta numa concepção de completude perante a falta. Compreendemos que isso seria a condição objetiva para o surgimento do governo de um só na constituição do saber já sabido. As alterações subjetivas para a escolha do líder ocorrem com as devidas mediações que modificam o modo dos sujeitos representarem a si e, principalmente, ao outro. Nesse aspecto, podemos afirmar que se trata de elemento significativo às alterações das interfaces entre o sujeito e as máquinas que deixaram de funcionar nas estruturas de transmissão direta de engrenagens e passariam a incorporar em seu próprio funcionamento dispositivo eletrônico que a constituem como “máquinas inteligentes”. Essa condição de máquina inteligente requer um sujeito não inteligente perante a máquina, pois este deve ser aquele que não pensa o trabalho e fica numa posição de completude em assistir a todo o processo produtivo, pois

[...] o operário - começa-se a dizer aqui - aparece não mais como quem utiliza determinados meios de produção e os orienta para determinados fins, mas o operário torna-se órgão de uma coisa que se move fora dele, de um sistema automático, movido por um autômato, ou seja, por uma força motriz que certamente não é, nem poderia ser, a força do operário (NAPOLEONI, 1981, p.87).

Essas robotizações de máquinas alteram completamente às condições de vida no mundo do trabalho e, inclusive, pode falar-se nos dias de hoje em inteligência artificial, em que ocorre “[...] a capacidade das máquinas de reproduzir padrões de raciocínio humanos e aprender com o tempo, em vez de simplesmente seguir comandos específicos” (ITO, 2017). Portanto, trata-se implicar-se na maneira como as formas e produções tecnológicas que se voltam para o campo da educação e trabalho na alteração de suas demandas e atravessam os processos formativos, principalmente como elementos pautados numa concepção de educar como quantidade de informação ou trabalho como treinamento ou adestramento de habilidades. Essa velocidade de máquinas que destituem o tempo necessário para o sujeito incorporar o modo de fazer as coisas, uma vez que:

[...] o tempo necessário para que alguém se torne um especialista costuma ser estimado em 10 mil horas. [...] Esse lapso de tempo aparentemente enorme é que os pesquisadores estimam necessário para que as habilidades mais complexas fiquem gravadas tão profundamente que se transformem em conhecimento tácito e prontamente acessível. [...] A regra das 10 mil horas traduz-se na prática diária de três horas durante dez anos, que vem a ser efetivamente um padrão habitual na formação de jovens esportistas (SENNETT, 2009, p.193).

No campo das máquinas inteligentes, produz-se toda uma tecnologia da

informação que a concepção de educar reduz-se ao necessário em que o elemento informativo está também implícito numa redução do sujeito em que o corpo representa-se como instrumento e, portanto, trata-se da compreensão política de sujeito e de representação de mundo que se impõem como expressão da hegemonia de educação pautada na tese de adequação do sujeito ao natural, uma vez que

Hoje em dia, duvida-se da necessidade de existirem obrigações no cotidiano escolar e, portanto, não se impõem ordens, mesmo que os adultos peçam às crianças em nome de alguma razão ou tentem obediência pela via doce da sedução. Assim, banese o arbítrio próprio das clássicas ordens e espera-se criar uma atmosfera de trabalho e relacionamento “natural” entre adultos, crianças e “conteúdos escolares” (LAJONQUIÈRE, 2009, p.75).

Essa precarização da disciplina intelectual associada à grande amplitude e facilidade de acesso à informação produz o efeito devastador nos processos formativos, pois fica destituída a autoridade daquele que possui a experiência vivida, uma vez que essa função passa a ser deslocada para significados de palavras armazenadas em redes de computadores sem a presença da medição da crítica do pensamento. Desse modo, o pressuposto de facilitador informativo que naturaliza as relações humanas no campo educacional está também diretamente relacionado ao impedimento da realização do sujeito intelectual, pois a sua inteligência fica reduzida ao próprio processo em que a máquina de educar impõe-se como modo de não interagir com o real. Portanto, trata-se de compreender que em tal dimensão o conteúdo se altera em primazia da forma que também se encontra alterado para recompor e ajusta-se com as tecnologias de informação. Diria que aqui se encontra a raiz do problema e define em grande parte a deformação dos conteúdos como síntese que, cada vez

mais reduzida, anulam o trabalho do pensamento crítico. Essa condição formativa acaba por produzir no sujeito uma determinada maneira de compreender o mundo ou, mais propriamente, em não compreender o mundo como uma instância de interações e discordâncias.

As interfaces entre as formas e os conteúdos no campo das tecnologias de informação no campo educacional seriam as condições objetivas que em nossa atualidade predispõem os sujeitos em atuar de modo a perder capacidade reflexiva e a sensibilidade perante a dor e sofrimento do outro. Logo, a pergunta de quem educa o educador torna-se algo de fundamental importância e que deve ser problematizada, no sentido de se evidenciar como ponto central em que se encontra a constituição do “caráter manipulador” (ADORNO, 1995, p.130).

Em nossa modernidade, que se constitui mergulhada num apelativo para a existência em estar pleno e satisfeito no atendimento às necessidades, perde-se quase por completo o que seria o ponto de equilíbrio para a sustentabilidade de toda interação entre produção e consumo. O apelo ao consumo de coisas nas interfaces com as formas tecnológicas torna-se o verdadeiro paradoxo e, portanto, para o intelectual torna-se condição fundamental compreender como esses mecanismos inscrevem-se no cotidiano das pessoas e modificam o conjunto de hábitos no sentido de incorporar outros modos de sentir e pensar.

Para aprofundarmos na discussão desse tema, faremos como opção teórica recorreremos à análise de um filme de ficção como a projeção extrema de algo não realizado, mas já se podem encontrar seus indicativos no mundo em que vivemos, portanto, analisaremos o tema em questão pautado numa utopia presente no filme intitulado Avatar (AVATAR, 2009).

3 A EDUCAÇÃO PRÉ AVATAR E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO COMO NOVOS CONTORNOS DA PEDAGOGIA MODERNA

A questão do uso das tecnologias na educação no filme Avatar (AVATAR, 2009) apresenta-se numa concepção de compreender o corpo como instrumento da alma. Essa condição é levada ao extremo e, portanto, torna-se possível avançar na ficção como elemento da utopia em que se constitui o limite dessas formas tecnológicas em que ocorre a transposição de um corpo para o outro, o estado de consciência do sujeito perante o real. Esse filme coloca em evidência o real como uma interpretação de sinais do sistema nervoso e que independe da matéria (corpo) para a sensação.

A proposição cartesiana de separação entre as coisas do corpo e da alma (DESCARTES, 1974) radicaliza-se ao ponto de um lado o corpo encontrar-se representado somente como a matéria que permite a vida e, de outro lado, a consciência apresentar-se como estado possível do conhecimento do sujeito perante o real. Nessa tradição cartesiana como “homens-máquinas” (DESCARTES, 1980) em Avatar, a representação do real pode ser *in corporada* em outra matéria (corpo) que assume a condição de pensar e sentir no outro.

No caso do filme em questão, a condição neurótica do educador em querer controlar tudo se radicaliza e se desenvolve no protótipo de uma máquina que torna possível a consciência ser lançada para outro corpo estranho ao sujeito. Portanto, a máquina permitiria o corpo separar-se do estado de consciência e poder operar em outro corpo distante, mas incorporado e controlado pela mente de outro lugar.

A ficção do filme lança o ideal pedagógico ao se constituir que pelo viés tecnológico a possibilidade de lançar a consciência de um lado do eu corpo para outra dimensão de corpo estranho fazendo ser o outro ser o que o ‘eu’ pensa ser. Esta transposição de consciência de um corpo para outro corpo seria conhecido por ‘projeto Avatar’ (AVATAR, 2009).

No início dessa transposição de consciência de um corpo para outro corpo estranho, apresenta-se certo desajuste, mas que é rapidamente compensado como todo treinamento numa educação física que permite ao sujeito restabelecer o controle corporal completo dos movimentos.

O nome desse projeto Avatar (AVATAR, 2009) é muito representativo, uma vez que o significado de 'Avatar' refere-se à crença hinduísta da descida de um ser divino à Terra, em forma materializada (HOUAISS, 2009). No caso do filme em questão, o 'projeto Avatar' (AVATAR, 2009) ocorre numa interpretação da concepção platônica de corpo que se representa como instrumento da alma como a mais antiga e difusa compreensão do seu uso, que "Ora, todo instrumento pode ser ou positivamente apreciado pela função que cumpre e daí elogiado ou exaltado; ou criticado porque não responde bem ao seu objetivo ou porque implica limites e condições" (ABBAGNANO, 1982, p.196).

Desse modo, o filme em questão indica uma dualidade do corpo como instrumento em que, de um lado, encontram-se os humanos fazendo do corpo a interface com as diversas produções tecnológicas na redução desde como instrumento ao ponto de lançar a transposição da consciência de um corpo para outro corpo. De outro lado, uma forma de vida em Avatar completamente distinta e que também possui todo um conjunto de produções tecnológicas em plena unidade entre natureza e cultura. Toda a natureza encontra-se em plena conexão com os sentidos humanos ao ponto de não ocorrer nenhuma distinção entre todas as espécies e formas de vida.

Essa condição presente no modo de vida em Avatar entre aqueles que se unificam entre natureza e cultura apresenta-se algo estranho e primitivo para a nossa modernidade, em que compreendemos os nossos processos formativos como aplicação de algo científico, que em aspectos hegemônicos gira em torno do adestramento do qual as tecnologias na educação se utilizam dessa

dualidade do corpo como instrumento da alma, em que "[...] o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem" (MAUSS, 1974, p.217). Neste aspecto, pode iniciar-se toda crítica às pedagogias modernas em que as diversas aplicações das tecnologias na educação reduzem o corpo como instrumento da alma e, para tanto, destituem o sujeito da condição refletiva ao torná-lo subordinado às máquinas de ensinar. No campo dessas máquinas, não se pode deixar de destacar as estruturas disciplinadoras que se encontram presentes em diversas arquiteturas que materializam o funcionamento do controle sobre o corpo na incorporação do olhar ostensivo e disciplinador - pan-ótico (FOUCAULT, 1991).

Essa condição disciplinadora e a subordinação do sujeito às máquinas de ensinar tornam-se elementos de importante análise, uma vez que toda a base de produção de conhecimento e transmissão do saber também está pautada na condição de disciplinar. Portanto, o modo de usar o corpo e o modo de pensar encontram-se associados a uma condição de norma e isso se torna ponto agravante na formação de um tipo de sujeito indiferente perante o outro, uma vez que se aceita somente a semelhança. A ruptura com a representação de semelhança não deveria ser uma preocupação para todos aqueles que trabalham com as tecnologias de informação ao levar em consideração a questão do seu acesso não mediado pela crítica como uma interface política de subordinação do sujeito perante a máquina. Esse questionamento da interface do sujeito com a máquina deveria ser elemento de análise e problema em questão para todos aqueles que desejam pesquisar os processos formativos do sujeito em nossa modernidade.

Partimos do pressuposto que ao se pensar nos dias atuais nos processos formativos no campo da educação e trabalho tem-se que obrigatoriamente passar por uma análise das alterações que se passam numa sociedade, que se

consolida naquilo que se denomina como senso comum a ‘sociedade da informática’ (SCHAFF, 1990), em que se pressupõe que somente “[...] um cego não percebe as mudanças que estão ocorrendo neste campo e as suas óbvias conexões com a segunda revolução industrial, que cada vez mais se intensifica” (SCHAFF, 1990, p.21).

Por ter passado por uma experiência pessoal de convívio anterior numa sociedade sem internet para outro modo de semiótica em que quase tudo se passa pelo filtro das redes de conexões da internet, isso permite produzir certo estranhamento, que seria a discordância entre as condições improváveis de comunicação num passado recente e na imensa possibilidade de comunicação no atual estado de existência. Nesse passado recente, os nossos problemas de organização social poderiam ser justificados pela ausência de maneiras ou forma de comunicar em tempo real com o outro. Entretanto, como podemos elaborar o conjunto das dificuldades atuais em termos de comunicação com o outro em decorrência da imensa possibilidade e rapidez de comunicarmos uns com os outros. Aqui, temos que avaliar que a quantidade de informação e a velocidade com que a mesma é transmitida não seja a condição primordial para a constituição da consciência crítica, uma vez que:

Na sociedade contemporânea em que reinam as tecnologias de informação, a informática tenta substituir a capacidade de julgamento humano. Diferentemente, as linguagens naturais, mediações culturais da humanidade através da sua história, essa nova linguagem universal não é o produto de uma experiência do mundo que foi colocada à disposição de todos através do tempo; é a linguagem da impaciência imediata e do arbitrário sem limites, do imaginário tecnológico expresso no ‘poder fazer’ e na urgência permanente de que ‘tudo é possível’ (DUPAS, 2005, p.37).

Devemos levar em conta que somos diretamente afetados em nosso modo de ser e pensar por essas alterações no campo das produções tecnológicas, uma vez que as mesmas alteram as condições objetivas de nossa existência. Sobre esse estranhamento, vou detalhar como as tecnologias de informação materializam outras condições de existência e colocam em evidência essas alterações em nossa subjetividade e, portanto, a constatação de que vivemos a plenitude da educação pré Avatar.

4 OUTROS MODOS DE DIZER SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NO CAMPO NOS PROCESSOS FORMATIVOS PRÉ AVATAR

Afirmamos anteriormente que a ficção presente no ‘projeto Avatar’ (AVATAR, 2009) na transposição de consciência direta entre o eu e o outro seria no limite o devaneio ou sonho neurótico do educador em realizar no outro a si. Diria que essa transposição de consciência entre os sujeitos faz parte de outro ideário neurótico do educador de que também seria possível uma unidade entre o entendimento e o compreendido ou entre o dito, o feito e o pensado com o uso das máquinas de ensinar, que eliminariam por completo a arguição duvidosa do sujeito. A base desse ideário linguístico encontra-se na pressuposição de que entre o significante e o significado não possua nenhum tipo de deslocamento e, portanto, possa ocorrer uma sobreposição clara e distinta entre pensar, dizer e escrever como sendo algo num mesmo universo de linguagem e em completo colamento com o que deve ser simplesmente explicado e não necessariamente compreendido ou interpretado. Neste aspecto, em nossa modernidade, tudo se apresenta no sentido aproximar o sentido com a explicação, uma vez que:

Compreensão e explicação podem, com efeito, identificar-se graças à noção de possibilidade e serem ambas entendidas como declaração da “possibilidade

de...”: onde o que é deixado em suspenso pode ser preenchido, nos diversos campos de pesquisa, por diversas espécies de projetos e de previsões. Mas esta aproximação entre explicação e compreensão, e esta sua unificação no conceito de “possibilidade de...” eram sancionadas pelo próprio desenvolvimento das ciências naturais, que abandonavam a noção clássica de causalidade, e, portanto se desancoravam da técnica explicativa causal (ABBAGNANO, 1982, p.147).

Compreendemos que essa aproximação entre a explicação e a compreensão seja o efeito da emergência do mundo da informação em que prevalece a noção que qualquer instrumento que armazene os dados seja o suficiente para o esclarecimento do sujeito perante o mundo. Compreendemos que a relação entre significado e significante seja justamente o contrário, pois se trata do trabalho do pensamento no processo associativo de representação diversa sobre o fenômeno em análise.

Para o entendimento explicativo, tudo que é dito e escrito em termos de palavra deveria ser analisado objetivamente sem nenhuma dúvida ou deslocamento e, portanto, para que o outro possa necessariamente entender que não seria válido o ato de interpretar o assunto. Já no âmbito da compreensão, seria algo para além do dito e escrito e ocorre o paradoxo do não entendido numa esfera que prevalece a subjetividade como experiência de vida que ressignifica o assunto em questão.

No campo da instituição formativa do sujeito, essa possível alternância dos significantes no campo da compreensão impede por completo o controle do campo dos significados fora do assunto e não reconhece isso como o conteúdo manifesto de certa teimosia ou maldade do sujeito em anular a diferença perante o outro.

Essa situação didática de anular a diferença e constituir a falsa neutralidade da semelhança seria algo que de certo modo invade a mentalidade de grande parte daqueles que atuam nos processos

formativos e inclusive as práticas institucionais que buscam conferir um grau ainda maior de objetividade entre o dito e o escrito. Para se encontrar a fórmula perfeita no campo de comunicação entre os sujeitos, alguns agentes regulamentadores institucionais buscam a competência de transparência de assunto nas interações comunicativas das relações humanas e, portanto, o impossível na exposição de ideias claras e distintas do assunto - o mestre explicador (RANCIÈRE, 2002).

O grande problema no campo da semiótica dessa transparência da linguagem entre os sujeitos é que o que é dito não se torna compreendido sem a longa interação entre os sujeitos, pois encontramos-nos mergulhados numa dualidade entre um mundo transparente na explicação e outro do enigmático, que é, em princípio, a divisão do signo entre aqueles que possuem somente um significado daqueles que interpretam outros demais significados que constituem no plano da política o uso da palavra escrita e falada. Portanto, distinguir a separação entre o escrito e o dito em que ocorrem elementos representativos na interpretação pautada no grau de responsabilidade e autoridade daquele que recebe a mensagem ou o autoritarismo do dogma para somente os que validam uma única explicação.

A condição interpretativa deveria ser analisada como um ato de princípio democrático e não como elemento de arbitrariedade por aquele que julga. Assim sendo, de um lado, a questão do princípio democrático em questão é que aquele que recebe a palavra a acolhe pautado em sua experiência de vida e a ressignifica dentro do contexto em análise. Esse modo analítico não pode ser processado por nenhuma máquina, pois o que está em jogo seria o confronto de subjetividades que podem dar surgimentos a novas interpretações sobre o decodificar da mensagem em questão. Aqui, por um lado, apresenta-se toda a riqueza da tarefa do intelectual, que seria o constante trabalho de decifrar o enigma que se estabelece no confronto entre as

consciências no saber não sabido para além do saber já possível presente nas tecnologias de informação. Trata-se de constituir outra medida no uso das tecnologias de informação em que

Se o possível é aquilo que está determinado pelo cálculo de nosso saber e pela eficácia de nosso poder, o impossível é aquilo frente ao qual desfalece todo saber e todo poder. Somente nos despojando de todo saber e de todo poder nos abrimos ao impossível. O impossível é o outro de nosso saber e de nosso poder, aquilo que não se pode determinar como resultado de um cálculo e aquilo que não se pode definir como um ponto de ancoragem de uma ação técnica. O impossível, portanto, é aquilo que exige uma relação constituída segundo uma medida diferente à do saber e à do poder (LARROSA, 2004, p.194).

Por outro lado, a arbitrariedade seria a realização do possível na negação de outros modos de significar e a interpretação seria a imposição dogmática sobre o assunto em não querer saber sobre o saber não sabido. Essa mania estabelece-se na pseudo-objetividade do tema em questão no confronto entre as consciências. No campo das hegemonias ideológicas, isso seria a manifestação de que existe um saber fora do sujeito e que se materializa no argumento constituído e unicamente verdadeiro.

O núcleo argumentativo para o uso das tecnologias de informação seria a base central da sociedade em que se busca velocidade na troca de palavras e, principalmente, sem a interferência de ruído em que o outro possa emanar a dúvida na constituição de outros significados.

Sobre essa amplitude de significados, certa vez, em decorrência do trabalho, tive a oportunidade de participar de eventos à distância. Nessa posição de deslocamento entre ver e ouvir algo sem a presença física, tive o estranhamento de estar presente sem estar presente, que transparece numa

situação paradoxal em ver e escutar, mas não compreender o contexto em que a comunicação ocorre no conjunto mais amplo das palavras ditas. Talvez aqui esteja, simultaneamente, o ganho e a perda no uso dessas tecnologias e que seria o ganho do não deslocamento físico e a perda seria o do não contato com a cena da atividade em que prevalece outra semiótica em que a noção entre o dito e o interpretado possui uma medição de máquina que está para além do eminente explicado por mais que diversas vezes que se possa assistir à cena gravada pela mídia.

Esse paradoxo no modo de não estar presente e estar presente na escuta da explicação mediada pela mídia já se encontra em alguns lugares como instrumento de trabalho, em que os políticos fazem suas campanhas, pois se utilizando de outros modos de dizer ao se utilizar da imagem holográfica (NIKOLAEVA; LAGRANGE, 2017). Não seria por acaso que essas máquinas se aplicam nesse terreno da política, pois o que prevalece é a imagem em detrimento de qualquer compreensão. Portanto, essas novas mídias promovem alterações e se constituem num outro olhar para as interações entre os sujeitos no campo da linguagem em que as tecnologias de informação, pautadas no paradigma do absolutismo entre o significante e significado, permite o retorno do não compreendido como outras formas de política do governo de um só.

Essa condição de governo de um só se torna preocupante quando a tecnologia da informação se constitui como paradigma da verdade absoluta. Esse paradigma da verdade absoluta invade todas as produções humanas e inclusive podemos analisar as arquiteturas das cidades que se espelham nas tecnologias de informação. Isso pode ser um indicativo que também vivemos nas cidades os efeitos que se antecedem a uma sociedade pré Avatar, mais propriamente, quando numa grande cidade temos uma proposta de derrubar o muro da raia olímpica de remo para substituí-la por um muro de vidro, em que “O muro será

substituído por um painel de 2,2 km de extensão, feito por alumínio e vidros suspensos com a ajuda de uma barreira de concreto. Serão quatro metros de altura: três metros de vidro e um metro de concreto” (YAMAMOTO, 2017).

Ocorrem diversas explicações para essa proposição arquitetônica no sentido de permitir ser visto o que está por trás do muro, mas em nenhum momento torna-se discutível a construção do próprio muro, seja ele de concreto ou de vidro. Avaliamos que essas alterações estão diretamente relacionadas ao imaginário quando a cidade passa a ser vista como sendo uma tela de *smartphone*.

Para ambos os sujeitos que tanto se encontram do lado de dentro da raia olímpica de remo ou do outro lado de fora, que se encontram na marginal do rio Pinheiros, o muro de vidro representa, primeiramente, uma separação ou impedimento de acesso e depois constitui-se numa interface que se assemelha à representação do mundo reduzida ao campo das tecnologias de informação instrumental quando o significante comunicado não apresenta o trabalho interpretativo do pensamento para elaboração dos diversos significados.

Portanto, o predomínio da concepção instrumental no uso das tecnologias de informação invade toda a representação de mundo e inclusive as relações humanas passam a ser compreendidas somente na interface das tecnologias de informação. Essa condição de fascínio pela tecnologia apresenta-se, de modo geral, na sociedade, em que alguns equipamentos se tornam comuns na vida dos sujeitos, por exemplo, o número de *smartphones* em uso no Brasil chega a 168 milhões de aparelhos (CAPELAS, 2016).

Esse predomínio do equipamento pode também levar as situações bizarras em que o vocalista de banda, ao falar sobre a apresentação para o grande público que o assistia, destacou que: “Parece que as pessoas em São Paulo assistem ao show pelo celular” (REDAÇÃO, 2016). Essa simples constatação possui na raiz uma determinada representação de

mundo e sujeito em que ambos são mediados pela tela do celular.

A primeira coisa que transparece nesse tipo de situação é que a questão central para este tipo de sujeito seria a necessidade constituída que se deve colocar em gravação na tela do celular a imagem vivenciada como experiência de vida. Desse modo, temos uma pequena alteração em que a experiência vivida é abandonada para a experiência gravada em objetos. Os afetos deixam de ser rememorados por um estado de consciência que altera o estado de lembrança para outro estado, em que ocorre um deslocamento de uma memória externa em que as imagens são armazenadas em compartimentos que podem ser acessados plenamente e, inclusive, enviados para demais outros que fazem parte das redes de conexão.

O estar presente deixou de ser a condição da experiência vivida, pois com as referidas tecnologias de informação tudo pode ser amplamente gravado, armazenado e transmitido. Temos uma completa redução da situação interpretativa para outro estado pleno da contemplação da existência. Cabe avaliar o que se altera nessas outras configurações que emergem com a implantação das tecnologias de informação em todos os setores da vida social. Assim sendo, a questão das tecnologias de informação é algo que se encontra associado ao questionamento político de sociedade no modo como compreendemos o uso da representação da palavra na vida em sociedade. O que está em jogo seria a questão do sujeito em fazer dialogar-se com os seus pares no sentido de ampliar a compreensão do dito, feito ou escrito. Portanto, para todos aqueles que se pautam nessas tecnologias de informação como elemento eminente explicativo já deveriam saber que há séculos nas igrejas monásticas, muito antes da eletricidade, já prevaleciam estruturas amplamente tecnológicas para proferir suas verdades absolutas. Portanto, o nosso grande problema é que esse paradigma da verdade absoluta não convém no campo da ciência, em que a

compreensão vem sempre no sentido de romper com as explicações pautadas em convicções.

Desse modo, esperamos colocar em questão o uso das tecnologias de informação para outros modos de uso, principalmente que se pautem em princípios democráticos na transmissão, armazenamento e acesso à informação no campo dos processos formativos dos sujeitos. Para tanto, a educação tem que reencontrar o sentido único de constituir-se como “[...] educação dirigida a uma autorreflexão crítica” (ADORNO, 1995, p.121). Fica o convite para todos os especialistas na área das tecnologias de informação no esforço de debruçar o interesse investigativo nesse problema no sentido de encaminhar outros modos de constituírem a interface entre os sujeitos e as máquinas no campo das tecnologias de informação.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: _____, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p.119-138.
- AVATAR. Direção: James Cameron. Produção: James Cameron. Roteiro: James Cameron. Los Angeles: Lightstorm Entertainment, 2009. 1 DVD (161 min), widescreen, color.
- CAPELAS, B. Brasil chega a 168 milhões de smartphones em uso. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 de abr. 2016. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/gadget,brasil-chega-a-168-milhoes-de-smartphones-em-uso,10000047873>>. Acesso em: 9 set. 2017.
- DESCARTES, R. **Meditações**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores).
- DESCARTES, R. **Tratado del hombre**. Madrid, Editora Nacional, 1980.
- DUPAS, G. Tensões contemporâneas entre público e privado. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, v.35, n.124, p.33-42, abr. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742005000100003>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ITO, R. A inteligência artificial precisa aprender com o mundo real. [2017]. Disponível em: <<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/about/gender-balance-diversity-important-to-machine-learning/>>. Acesso em: 9 set. 2017.
- LAJONQUIÈRE, L de. **Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MAUSS, M. As técnicas corporais. In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. 2v.; 220p.
- NAPOLEONI, C. **Lições sobre o capítulo sexto**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- NIKOLAEVA, M.; LAGRANGE, C. Candidato francês usa holograma para fazer comício em Lyon e Paris ao mesmo tempo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, maio 2017.

Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2017/02/05/candidato-de-extrema-esquerda-frances-usa-holograma-para-espalhar-mensagem-de-campanha.htm> >. Acesso em: 9 set. 2017.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

REDAÇÃO. Parece que as pessoas em SP assistem ao show pelo celular”, diz Mick Jagger. **Folha de São Paulo**, São Paulo, março. 2016. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/parece-que-pessoas-em-sao-paulo-assistem-ao-show-pelo-celular-diz-mick-jagger/>>. Acesso em: 9 set. 2017.

SCHAFF, A. **A sociedade da informática**: as consequências sociais da segunda revolução industrial. São Paulo: Editora Unesp; Brasiliense, 1990.

SENNETT, R. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

YAMAMOTO, E. Cidade universitária terá muro substituído por painéis de vidro. **Jornal da USP**, São Paulo, 19 de julho de 2017. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/institucional/muro-da-cidade-universitaria-sera-substituido-por-paineis-de-vidro/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

Rogério Rodrigues
Universidade Federal de Itajubá
(UNIFEI)
E-Mail: rogerio@unifei.edu.br
Brasil